



OLHAR O BIBLIOTECÁRIO DO PRESENTE, VISUALIZAR A BIBLIOTECA DO FUTURO: *ALPHA* E ÔMEGA, CÂMBIOS QUE FAZEM UMA BIBLIOTECA ESCOLAR

LOOKING AT THE PRESENT LIBRARY, VIEWING THE LIBRARY OF THE FUTURE: *ALPHA* AND OMEGA, EXCHANGES THAT MAKE A SCHOOL LIBRARY

Sandra Maria Souza de Carvalho¹
<sandramsc@gmail.com>

Rogério Zanon da Silveira²
<rogerio.silveira@ufes.br>

Marcelo Calderari Miguel³
<mmcbiblio@gmail.com>

Resumo: Averiguar a representação do bibliotecário do presente e a biblioteca do futuro perante a Geração *Alpha* é um desafio provocador, envolve explorar nuances e compreender suas determinantes locais. O objetivo desse estudo é situar a imagem do bibliotecário do presente e a representação da biblioteca escolar do futuro, ambos os perfis comunicados na ótica dos novos nativos digitais. O método de análise parte da entrevista semiestruturada com os discentes *Alphas* da Umef Dr Tuffy Nader, na cidade de Vila Velha, ES. O roteiro de diagnóstico serve como instrumento para análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e, visa pautar construtos como: i) o significado, a representação que define o Ser bibliotecário; e, ii) o prospectar de cenários para a nova biblioteca escolar do futuro. Logo, a abordagem é descritiva e analítica, fundamenta-se na análise de discurso com apoio tecnológico do *software DSCSoft*. Os resultados evidenciam novos tempos e hábitos

¹ Bibliotecária Escolar, MBA e bacharelado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes. Atuação na Prefeitura Municipal de Vila Velha - ES.

² Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Administração e Mestre em Ciências Contábeis pelo Instituto Nelson Abel de Almeida. Docente no Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública (PGGP/UFES), Coordenação do curso de Administração da Ufes e na Associação Nacional De Pesquisa E Pós-Graduação Em Psicologia – ANPEPP

³ Bibliotecário e Administrador pela Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes. Especialista em Estatística e em Educação Científica: Educação não formal em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG



para a biblioteca escolar e o profissional da informação; pauta os dilemas de utopias, distopia e retrotopia que a cultura digital e as tecnologias de informação geram. O trabalho destaca a necessidade permanente da inovação dos modernos profissionais da informação (MPI) na ambiência da biblioteca e fora dela, e diz que a missão profissional se pauta no conhecimento científico e tecnológico, alinhado a valores humanos, para o exercício pleno da cidadania, com ética.

Palavras-chaves: *Alpha*. Biblioteca escolar. Profissional da informação. Discurso do Sujeito Coletivo.

1 AGORA, UM JOGO NADA EXATO DE UTOPIAS, DISTOPIAS E RETROTOPIA

O trecho da canção colaborativa entre Moraes e Powel (1963), “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”, esse trecho do Samba da Benção dos cantores vai de encontro a citação da pesquisadora Barroso (1973), que fala do encontro da vida, das inovações, do livro, da biblioteca, comunidades e bibliotecários. E como recordar é viver, em 1973 há que se destacar que Maria Alice Barroso (diretora do Instituto Nacional do Livro – órgão extinto) discursa similar cadência no primeiro Encontro do Programa de Bibliotecas no Brasil, em Brasília:

Será ele – o Encontro – diferente não pelo simples prazer de inovar. Mas diferente porque diferentes da rotina deverão ser as soluções apresentadas pela classe. Diferente porque entendemos que, como bibliotecária que sou, tenho a grave responsabilidade de enfrentar, após auscultar meus colegas, com soluções corajosas e eficazes o sério problema dos recursos humanos devidamente habilitados para acionarem uma rede de bibliotecas públicas a serviço das comunidades a que devem, efetivamente, servir. Diferente porque acreditamos que entre o livro, a biblioteca e a comunidade um liame se torna indispensável - o ser humano que, com sua criatividade e amor, deverá proporcionar à nação um contingente cada vez maior de verdadeiros leitores. Era isso o que tinha a lhes dizer, meus colegas, meus amigos (BARROSO, 1973, p. 116).

Quase meio século se passou, e atualmente se mantém a concepção de que as tecnologias digitais de informação vão ao encontro e aos anseios das gerações, ora causa espanto e repúdio (*fake news*, desinformação), indo de e ao encontro dos valores sociais, éticos e morais da infoera (Era da informação e do conhecimento)



da humanidade. Portanto, a nova geração de nativos digitais é ávida por novidades, e isso traz grandes dilemas para se pensar o vindouro, devido ao aumento nas inovações e utilizações tecnológicas. Tudo isso traz revolução das redes sociais e mudanças nas relações sociais.

Nesse sentido, Bauman (2017) sugere que vivemos em uma época não de utopias – otimismo e aventura em prol de melhor futuro – mas de “retrotopias”: visões alojadas num passado perdido/roubado/abandonado, mas que não morreu. Assim, o autor aponta que em vez de “investir em esperanças públicas” na melhora de um futuro incerto (e ‘obviamente duvidoso demais’), deve-se “reinvesti-las mais uma vez no passado [...] [de] suposta estabilidade e, portanto, confiabilidade. Com essa virada de 180 graus, o futuro se transforma, de hábitat natural de esperanças e expectativas legítimas, em local de pesadelos” (BAUMAN, 2017, p. 11-12).

Para Bauman, a ‘retrotopia’ é fiel ao espírito utópico em sua ancoragem num espaço territorialmente soberano que afiança estabilidade e aposta peculiar a segurança e liberdade. Sob esse ponto de vista, a relação que se pode estabelecer está no evento das expectativas positivas que a noção de progresso convoca na modernidade e que agora passa a evocar o medo de uma catástrofe (BAUMAN, 2017).

Na citação de Freire (2012, p. 47), o qual afirma em dizer que o “fazer a história é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado.” Essa citação sinaliza que o envolvimento dos usuários no processo de conquista da biblioteca e na sua dinamização é condição *sine qua non* para que ela cumpra um papel de evidência dentro da instituição escolar.

Assim, o objetivo desse trabalho é elencar qualiquantitativamente com as percepções e expectativas dos alunos denominados *Alphas* da Unidade Municipal de Educação Fundamental (Umef) Dr. Tuffy Nader, da cidade de Vila Velha, ES, e quais as cardeais representações e olhares que há na esfera da biblioteca e do bibliotecário, em especial: i) o significado, representação da imagem presente do bibliotecário escolar; ii) o prognóstico da biblioteca escolar do futuro.

Nesse parâmetro, a pesquisa visa apreender sobre a realidade transformadora do espaço da biblioteca escolar, mesmo que sumariamente, e esse desígnio pauta um chamado às outras redes de informação e de bibliotecas



brasileiras para a perspectiva de suas utopias e distopias, avanços e retrocessos que pontuam no bojo da sua nobre missão – Ser informação.

2 ALPHAS, PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO E A BIBLIOTECA EM CENA

A era dos *Alphas* se apresenta ao mundo como uma forma altamente conectada e tecnológica. Assim sendo, os tópicos a seguir visam realçar as diretrizes dessa geração, e apropriar em seguida da órbita do bibliotecário, um trajeto de câmbios.

2.1 Diretivas da Infoera: geração *Alpha* entre dinâmicas e futuristas visões

É incrível como o mundo digital em que vivemos modificou o modo de vida das pessoas, promovendo o acesso à informação e viabilizando o desenvolvimento da cultura digital. O uso das tecnologias digitais trazem transformações importantes, e viabiliza ações que antes eram de difícil concretização, inviáveis, ou até imagináveis – nisto está o quebrar de obstáculos do tempo, espaço, paradigmas organizacionais e praxes de comunicação (LÉVY, 1997).

De acordo com os estudos de Vieira (2009, p. 1), “Infoera é a era da informação e do conhecimento. A informática e os modernos meios de comunicação irão possibilitar um enorme salto na evolução sócio cultural da humanidade. Uma verdadeira revolução transformadora”.

Por conseguinte, as tecnologias digitais dão certos meios para se expressarem, mas também os capacita a falar e a serem ouvidos por outros, de maneira que a geração anterior só poderia ter imaginado o que esses novos nativos digitais – Geração *Alpha* – têm a ensinar. É imprescindível que o profissional bibliotecário esteja preparado assumindo assim o seu papel de mediador da informação junto aos nativos digitais e as tecnologias colaborativas.

O estudioso Oliveira (2019, p. 30) ressalta que os *Alphas* são a geração com mais influência pela era tecnológica e pela inteligência artificial, pois sua origem que iniciou em 2010, “se deve ao mesmo ano de lançamento do primeiro *Ipad*, (*tablet*) e desde então esses alunos vivem grande parte de sua vida de maneira ímpar,



totalmente conectados e em *sites* de relacionamentos e isso ratifica uma era digital e conectada”.

Para Oliveira (2019, p. 30), as crianças da geração *Alpha* são aquelas que:

[...] nasceram imersas no mar de tecnologias. Esta geração surgiu a partir de 2010, são filhos da geração Y, portanto são mais estimulados a interagir com a máquina desde o nascimento. A geração que antecede a *Alpha* é representada pela última letra do alfabeto, a letra Z. O sociólogo australiano Mark McCrindle, nomeou a geração recente de *Alpha*, por dois motivos: por se tratar de uma geração do momento atual com a viabilidade de iniciar um novo ciclo, e por que a palavra *Alpha* é a primeira letra do alfabeto grego e simboliza o início (OLIVEIRA, 2019, p. 30).

Palfrey e Gasser (2011) reportam que algumas tecnologias digitais possuem um efeito negativo, já que grande parte dos *Alphas* passam bastante tempo em *sites* de jogos *online* violentos. Para os pesquisadores, as novas tecnologias são uma extensão da vida desses alunos denominados *Alphas*, pois é através delas que eles experimentam identidades múltiplas, recriam ou amplificam aspectos de sua idade, do espaço real quando estão conectados e navegando nas redes sociais.

O que traz de diferente na Geração *Alpha* é a participação de forma ativa e independente em toda essa revolução da infoera, a qual cresce em novo mundo tecnológico e transformador. Tais sujeitos assumem seus papéis como os verdadeiros formadores de opinião e cultura, que estão inseridos em um cotidiano rodeado e multiplicador de tecnologias e inovações.

Destarte, Palfrey e Gasser (2011, p.145) advertem: “cabe aos pais acompanharem a educação dos seus filhos, visto que as tecnologias digitais dão a todos os meios para se expressarem, mas também os capacita a falar e a serem ouvidos por outros”.

A representação social, conforme apontam Wachelke (2009) e Rocha (2014), serve de referência para a construção da reprodução individual, além de indicar à comunidade o modo de agir em relação a determinado objeto social. Por arremate, cabe ao bibliotecário situar uma missão diretamente relacionada na arte de se reinventar profissionalmente diante das novas tecnologias.



Destaca-se que essa nova geração *Alphas* está pondo em prática toda a inovação e independência e recebe esse *feedback* com importância para suas ações com teor do vindouro extremamente interessante.

Não obstante, há que se ressaltar que o bibliotecário tem uma importante missão nesse cenário, se de um lado os *Alphas* têm na vivência as transformações das ferramentas tecnológicas, que influenciam em uma ambiência com brinquedos e com estímulos sensoriais que desenvolvem a audição, o tato e a visão, mas, também necessitam ter foco nos conhecimentos e conteúdos (não mais só a estética). E Miguel e Carvalho (2019, p. 5) destacam que é imprescindível “que o profissional bibliotecário esteja preparado assumindo assim o seu papel de mediador da informação junto aos nativos digitais e as tecnologias colaborativas”.

Em meio a estas transformações, temos os bibliotecários, a biblioteca e os novos alunos conhecidos como *Alphas*, relacionados à cultura da internet, ensino e aprendizagem, dando ênfase ao papel dessa nova geração frente a visualização da biblioteca escolar do futuro. Conceitos valiosos para o desenvolvimento de investigações no corpus da Biblioteconomia na contemporaneidade, e assim se discute as características dessa nova geração e suas implicações para modelo de biblioteca do futuro.

2.2 Bibliotecário Escolar - mediar informação e agir no Espaço de Educação

Chegamos ao ponto em que temos que educar as pessoas naquilo que ninguém sabia ontem, e organizá-las para aquilo que ninguém sabe ainda, mas que alguns terão que saber amanhã (MEAD, 1968, p. 13). Com essa fala, a autora reporta os progressos que essa realidade visível e desafiante avança diante da nova geração e as grandes transformações tecnológicas que ocorrem a todo instante em todo o mundo, e que se tornam cada vez mais urgente o reinventar do profissional da informação.

Compreender de que forma as tecnologias de informação e comunicação contribuem para o aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem representa uma oportunidade de redescobrir/reinventar a natureza impar, insubstituível e altamente



criativa no trabalho do bibliotecário, no processo de desenvolvimento humano e social.

É nesse sentido que estudar as práticas informacionais constitui-se num movimento constante de capturar as disposições sociais, coletivas (os significados socialmente partilhados do que é informação, do que é sentir necessidade de informação, de quais são as fontes ou recursos adequados) e também as elaborações e perspectivas individuais de como se relacionar com a informação (a aceitação ou não das regras sociais, a negociação das necessidades de informação, o reconhecimento de uma ou outra fonte de informação como legítima, correta, atual), num permanente tensionamento entre as duas dimensões, percebendo como uma constitui a outra e vice-versa (ARAÚJO, 2017, p. 220-221).

É relevante observar que a leitura é extremamente importante na vida dos indivíduos, exercendo papel fundamental nos processos que envolvem a comunicação, a informação, os esclarecimentos e a criatividade. Nesse sentido, o trabalho do bibliotecário deve se dar de forma interdisciplinar, interagindo com as mídias sociais, e portanto, promove o hábito da leitura de forma mais rica e motivadora – o qual causa prazer e interação em seus usuários/leitores.

No contexto das práticas pedagógicas relacionadas à prática leitora, Freire (2001) na carta aos professores traça provocações ao presente da escola:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. (FREIRE, 2001, p. 261).

Farias e Vitorino (2009) arguem que a competência informacional do bibliotecário escolar é pautada em três frentes: i) a dimensão técnica – que prepara o bibliotecário para atuar com os conteúdos e habilidades, para construí-los e reconstruí-los; ii) a dimensão estética – que serve para antever os vários usos possíveis das informações coletadas e produzidas na escola; e, iii) a dimensão política – que viabiliza construir de forma coletiva o exercício dos direitos e dos



deveres para toda a comunidade - com base no respeito e na realização do bem coletivo.

Aprender é algo dinâmico, que passa pelos sentidos, despertando interesse e curiosidade. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) possuem dinâmicas próprias e atrativas que prendem a atenção do leitor de forma interacionista. Sendo assim, a biblioteca escolar é “vista como um espaço de expressão e aprendizado, e se tiver seu potencial devidamente explorado pode-se tornar mediadora no aprendizado, com vistas à competência informacional” (FARIAS; VITORINO, 2009, p.11).

Ramos (2009, p.1) explica que o mundo moderno “vive num ritmo acelerado pelas descobertas tecnológicas e a educação evolui a largos passos, especialmente com o emprego apropriado das TICs que viabilizam várias alternativas de aprendizagem, dissolvendo assim os protótipos vigentes”. Para Farias e Vitorino (2009), a participação do bibliotecário escolar nas atividades educativas e seu envolvimento no projeto curricular favorecem o desenvolvimento de habilidades no aluno que, por sua vez, aprende a aprender.

A educação é e sempre foi um método complexo que utiliza a mediação e a comunicação como complementação ou apoio do ensino-aprendizagem, e nesse cenário adentra o bibliotecário e suas habilidades informacionais – o qual tem competências e atende a sociedade contemporânea onde estão inseridos os *Alphas* e a biblioteca escolar.

Com as perspectivas apontadas, se pauta que o profissional deve exercer adequadamente as inúmeras funções exigidas para uma biblioteca que se quer como espaço de aprendizagem, e um organismo que cresce e se modifica constantemente, e que exige a ação permanente do bibliotecário, preparado para gerir uma instituição e exercer a sua função mediadora com toda a comunidade escolar. E, assim, a biblioteca adquire diversos sentidos, dependendo de como os leitores a percebem e a utilizam (BERNARDES, 2003; FERRAREZI; ROMÃO, 2008).

Na mesma linha de pesquisa dos estudiosos citados acima, os pesquisadores Santos (1996) e Valentim (2000) assinalam que a aprendizagem e habilidades informacionais de competência leitora demandam que o profissional da informação,



9
neste caso o bibliotecário, precisa mudar seus paradigmas. Portanto, o discurso do 'capacita-se' é uma pauta perene e, a ambiência dinâmica da biblioteca na escola exige interagentes capacitados – Moderno Profissional da Informação (MPI) – atuantes em se reinventarem e aprenderem de forma contínua aos desafios da atualidade e, assim, esse profissional precisa se atualizar sempre, se reinventar a todo momento.

3 O PROCEDER METODOLÓGICO

O estudo apreende diagnósticos da imagem do profissional que atua na biblioteca escolar e a prospecção de possíveis modificações e cenários da instituição – biblioteca escolar – no âmbito da Unidade Municipal de Educação Fundamental (Umef) Dr. Tuffy Nader, localizada no bairro Barra do Jucu, no município de Vila Velha, ES. As perguntas selecionadas para comporem o diagnóstico se pautam na apresentação de regularidades discursivas nas respostas dos alunos.

A amostra contou com um total de 159 alunos *Alphas*, frequentadores da biblioteca Dr Tuffy Nader, sendo dez de cada sexo, com idades entre seis e dez anos, segmentados por séries escolares do primeiro ao quinto ano. As duas perguntas que serviram de base para esse estudo foram: i) qual o significado/adjetivo você aplica ao bibliotecário escolar (o definir?); e, ii) como deve ser a biblioteca escolar do futuro (prospecção de cenário?). Assim, os discentes *Alphas* elucidam seus valores – auscultados – e o levantamento (*survey*) viabiliza a coleta sistemática de dados sobre cada sujeito, as suas preferências, os seus pensamentos e os seus padrões comportamentais (BHATTACHERJEE, 2012).

As perguntas foram direcionadas aos estudantes com idade igual ou abaixo de 10 anos, do primeiro aos quintos anos, na biblioteca mediante autorização da direção escolar, e coordenação da rede de bibliotecas do município, para posterior transcrição. A coleta envolve entrevistas semiestruturadas, com duração média de sete minutos, a técnica usada no exame dos dados é a Análise de Conteúdo do Sujeito Coletivo (ACSC) e, tem apoio no aporte tecnológico do *software DSCSoft* –



em que se aplicam a técnica ACSC e o mapa conceitual, que consiste em constituir inclusões entre conhecimentos, significados e considerações.

Em suma, na estratégia de investigação se buscou alcançar uma melhor compreensão a respeito das conexões informacionais e lúdicas dos *Alphas*, e assim elucidar de que forma o contexto social tange paralelos de compreensão da realidade. Para tanto, o quadro a seguir apresenta os métodos, as técnicas e os instrumentos de pesquisa utilizados.

Quadro 1 - Métodos, técnicas e instrumentos de pesquisa

Etapas	1ª fase	2ª fase
	Busca, uso e compartilhamento de informação, no que é o bibliotecário e o que o futuros nos reserva (Identificação de influências)	Averiguação das percepções dos Novos Nativos Digitais
Métodos	Levantamento – <i>Survey</i>	Discurso do Sujeito Coletivo
Técnicas de coleta	Entrevistas – relatos – conversas	Entrevistas
Instrumentos de coleta	Roteiro de entrevista semiestruturada Rodas de diálogos	Roteiro de entrevista semiestruturada
Técnicas de análise	Análise de conteúdo	Descrição objetiva e sistemática das mensagens para interpretar o conteúdo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, que se baseia em questões estruturadas, mas permite que o pesquisador se aprofunde nos tópicos que lhe pareçam mais relevantes, como aborda Cunha (1982). Portanto, essa é uma pesquisa que se caracteriza como descritiva e de horizonte temporal transversal e respeita os preceitos da Resolução nº 06/2016 e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Já na segunda fase, buscamos pautar as percepções dos *Alphas* em relação a cenários vindouros para a biblioteca escolar. Os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (2001), é uma técnica, adaptável a vários campos de aplicação, para a descrição objetiva e sistemática das mensagens, com o intuito de interpretar o seu conteúdo.



Com o objetivo de identificar se os novos nativos digitais têm estereótipos da realidade futura e, para tanto, se aplicou a teoria das Representações Sociais. As observações sobre a Teoria das Representações Sociais são apontadas por Moscovici (2015) como algo que se constrói e por meio de conhecimentos, valores, tradições e experiências compartilhadas por determinado grupo, e ajudam a situar o indivíduo na sociedade em que vive, além de familiarizá-lo com o novo. A partir de estudos em Psicologia Social, essa abordagem citada por Moscovici (2015) busca explicar como o ser humano interpreta a realidade à sua volta.

Lefevre e Lefevre (2005) assinalam que a Análise de Conteúdo envolve o diagnóstico adequado à temática, significados e associações, isto porque a abordagem da pesquisa, a análise quali-quantitativa, objetiva reunir vários discursos num único discurso-síntese, fazendo com que o pensamento coletivo se expresse diretamente, mediante a instituição de um "sujeito" que incorpore o discurso coletivo.

Para Figueiredo, Chiari e Goulart (2013), a Análise de Conteúdo do Sujeito Coletivo (ACSC), é um discurso-síntese elaborado com partes de discursos de sentido semelhante, e consiste numa técnica de tabulação e organização de dados qualitativos, pelos quais é possível conhecer os pensamentos, as representações, as crenças e os valores de uma coletividade sobre um tema específico, que permite conhecer em detalhes a representação subjetiva do cotidiano e para isso fazendo uso de métodos científicos.

4 A ANÁLISE E DIRECIONAMENTOS

A estratégia possibilita avaliar as questões relacionadas às atitudes, aos interesses e aos valores do grupo investigado. Para esse estudo foram abordados duzentos estudantes e 159 deles contribuíram com apontamentos para o tema de investigação, a composição do grupo de entrevistados (tabela 1) remete aos discentes da Geração *Alpha*, com idades entre seis e dez anos, que são alunos regulares matriculados na Umef Dr Tuffy Nader – no período matutino e vespertino, no município de Vila Velha, ES.



Tabela 1 - Quantitativo de alunos entrevistados por série, idade e frequência.

Serie/idade	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	Quant.	Perc.
1s	17	-	-	-	-	17	10,70%
2s	1	33	1	2	-	37	23,30%
3s	-	-	35	-	1	36	22,60%
4s	-	-	1	36	11	48	30,20%
5s	-	-	-	1	20	21	13,20%
Quant.	18	33	37	39	32	159	100,00%
Perc.	11,30%	20,80%	23,30%	24,50%	20,10%	100,00%	1

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Figura 1 – Infográfico, caracterização sobre o perfil dos discentes entrevistados



Fonte: elaborada pelos autores, fonte da pesquisa (2020).

Os *Alphas* também apontam que têm muito acesso à informação em virtude da tecnologia do celular (88) e que são muito voltados ao mundo virtual (21). Os alunos reportam, em sua maioria, que os principais motivadores de suas opiniões são o contexto escolar e a internet (82) e que os pais não os influenciam no modo ou forma de pensar ou expressar a realidade (20). Assim, nas percepções dos *Alphas* se encontram características apuradas pelas práticas da infoera, isto é, eles se sentem:

- influenciados pelos amigos virtuais (11 correspondências);
- são muito voltados ao mundo virtual [*youtube* e *games*] (23);
- têm muito acesso à informação, em virtude das tecnologias (69);
- descobertas e buscas por respostas a escola e o bibliotecário super auxiliam (82).



A partir desses dados e das observações de Goulart e Kafure (2019), se observa que os *Alphas* sofrem bastante influência do mundo virtual, sobretudo na prática de jogos e nas redes sociais. Os estudantes voltam-se com frequência ao mundo digital e possuem acesso facilitado à informação, em função das tecnologias.

As demais perguntas da entrevista serviram para o construto de diversos fatores que ajudaram a compreender as percepções que os *Alphas* apresentam acerca do desafio de pensar o futuro. Assim, o material coletado foi categorizado de acordo com a ideia central (IC) contida em cada depoimento.

Com isso, as diversas percepções a respeito das crianças foram categorizadas, a fim de gerarem o respectivo Discurso do Sujeito Coletivo DSC. Ademais, os resultados expõem um enfoque ao bibliotecário do presente (4.1) e a biblioteca do futuro (4.2) num rol interacional que traz em seu bojo condicionante um aspecto do estar socialmente envolvido.

4.1 O Ser Bibliotecário no Oásis da Geração *Alpha*

Os discentes que frequentam a biblioteca escolar Dr Tuffy Nader sustentam o pré-construto que a biblioteca é um espaço de leitura e aprendizagem, e essa nova geração associa a imagem do bibliotecário à biblioteca. Como podemos observar nas respostas obtidas com a questão – O que expressa ou representa o bibliotecário escolar para você? A recorrência das falas (Figura 2) se destacam alguns núcleos:



Figura 2 - Mapa conceitual do DSC em discurso ao pensar o bibliotecário



Fonte: Elaborada pelos autores (2020).

No que tange à imagem do bibliotecário para os alunos *Alphas*, se verifica nos diálogos/entrevistas apontamentos de um profissional de educação e cultura (ensina a ler, a praticar a leitura), um representante de disciplina (saber, inteligência) e um agente que traz legítimo acesso ao conhecimento e recreação (livros, contação de histórias, projetos culturais). Nessa primeira etapa, observamos como os *Alphas* buscam, usam e compartilham informações sobre o que é o agente bibliotecário e quais influências impactam a percepção dos discentes. Esta etapa abarcou propostas - definir um termo para designar a atuação e o significado do bibliotecário escolar.

Na fase de análise dos dados se optou por gerar um mapa conceitual, conforme aponta o pesquisador Noleto (2020, p. 1), que é um instrumento representado pela figura de um gráfico “e diagramática que permite estabelecer relações entre informações, definições e conceitos, tais dados são organizados em uma estrutura hierárquica e sistemática, por meio de caixas ou balões, conectados por meio de arcos, que podem ser linhas ou setas”. Consiste com a totalidade das respostas dos entrevistados, a fim de se identificar os termos mais frequentes nas narrativas dos estudantes. Assim, o mapa conceitual acima remete a centralidade sobre a imagem do profissional, a resultante em geral é engendrada nos



depoimentos sobre o atuar do bibliotecário no presente e, o vocábulo “livros” — sempre pauta as falas e explana o item principal conferido à atuação.

A constatação do mapa conceitual harmoniza-se com a perspectiva das práticas informacionais – a atuação do bibliotecário, isso é, pela ótica de Araújo (2012, p. 146) “a informação é vista como uma construção social, algo que é definido no terreno da ação concreta de sujeitos em ações recíprocas (isto é, interações), tal como no contexto das comunidades discursivas”. Destarte, se sumariza a seguir a réplica de três entrevistados, que serão identificados com as letras do alfabeto, acerca da feição coletiva do Ser bibliotecário escolar:

A bibliotecária é muito legal, ela conta histórias divertidas, faz atividades legais também, eu adoro vim na biblioteca. Eu gosto muito das atividades/projetos literários que a tia faz! E quando vejo estes livros quero levar tudo para casa, aqui é como se fosse a minha casa, eu queria que todas as escolas tivessem isso. [sic] (Alun@ ére – 1º ano, 6 anos).

Eu adoro quando a professora da biblioteca conta histórias! Aqui é um lugar mágico! [...] Ano passado eu participei de uma peça de teatro que a tia fez e ensaiou aqui mesmo na biblioteca, o nome do livro é Menina Bonita do laço de fita! Foi apaixonante! [pausa e ri] Isso traz encanto para a minha realidade. [sic] (Alun@ dáblü – 2º ano, 7 anos).

A biblioteca é o melhor lugar [da escola] para mim, quando não estou bem eu venho para cá ler um livro e fico bem. A bibliotecária faz projetos e jogos literários com a gente. Ela é a pessoa aqui que faz a leitura de historinhas novas e velhas. Ela empresta livros legais para gente levar e ler em casa, e ela faz a biblioteca ficar bonita. [sic] (Alun@ ípsilon – 4º ano, 10 anos).

Assim, a identificação das representações sociais do Bibliotecário, que segundo Resende (2005, p. 3), “são construções do sujeito concreto e, como tais, tomam forma no cotidiano de suas relações, experiências, vivências e interações, integrando informações, ideias, imagens, lembranças e afetos”. Contudo, ajudam a situar o *Alpha* em um contexto social do qual faz parte e, permite que se realce a imagem social sedimentada dessa instituição para o entendimento público.



4.2 Destinos existem? Situar e futurar o constructo – nova Biblioteca Escolar

Há para esfera escolar uma memória coletiva da biblioteca posta, mas e o que pensar da biblioteca escolar no futuro? Pois as respostas enunciadas pelos alunos *Alphas* apontam a uma sustentabilidade ao que existe atualmente, e os mesmos citam as reminiscências de projetos futuros, na essência as indicações socioeducativas da tecnologia e outras tangíveis como livros (unidade física, impressa). Assim, o tema é explicitado no comentário de três interagentes:

No futuro espero que seja bem organizada, sem ninguém para estragar, porque eu não gosto que estraguem as coisas da biblioteca, mexendo onde não pode. No futuro deveria ter livros arrumadinhos e crianças lendo. No futuro deveria ter mais livros e janelas diferentes e eu queria que todas as pessoas se transformassem em livros! O mundo seria bem melhor! [sic] (Alun@ jóta – 3º ano, 9 anos).

Eu acho que poderia ter estantes com numeração digital, mas para mim está boa uma biblioteca sem muitas tecnologias, eu prefiro assim porque se fosse mais tecnológica seria um laboratório de informática e não uma biblioteca. Eu gosto de ler livros impressos. No futuro as pessoas deveriam ter mais obediência e mais silêncio quando as outras turmas vêm. No futuro, também banheiro para não precisar sair da biblioteca e várias estantes para cada série, ventiladores, mais mesas, mais livros infantis e um cantinho para histórias com almofadas e tapetes [sic] (Alun@ xis – 4º ano, 10 anos).

No futuro não sei certo, a vida no futuro é o que fazemos no presente, às escolhas da vida são sementes. Quem sabe bem o que planta não tem medo da semente, e o ser e as coisas pegam de volta o que elas jogam no dia de hoje [...] O futuro é a soma de como se age aqui. Quer tirar a prova? O que vai ter [...] mesas, cadeiras novas, livros para todas as séries, imagino até umas luzes ecológica, e a biblioteca terá ar condicionado penso! Será muito legal, muito boa é o que imagino e assim é a realidade. [sic] (Alun@ éssi 5º ano, 10 anos).

Para chegar aos resultados, se compara os resultados das etapas 1 e 2. E conforme reportam Medeiros e Barbosa (2016, p. 1) – em quase todas as perguntas obteve-se um número maior de respostas, uma vez que cada entrevistado pode emitir mais de uma resposta para cada questão. Deste modo, a centralidade do DSC formulada na segunda etapa sintetiza seis ideias, segregadas em positivas, neutras e negativas, todas expressando as percepções dos *Alphas*, conforme o quadro 2:



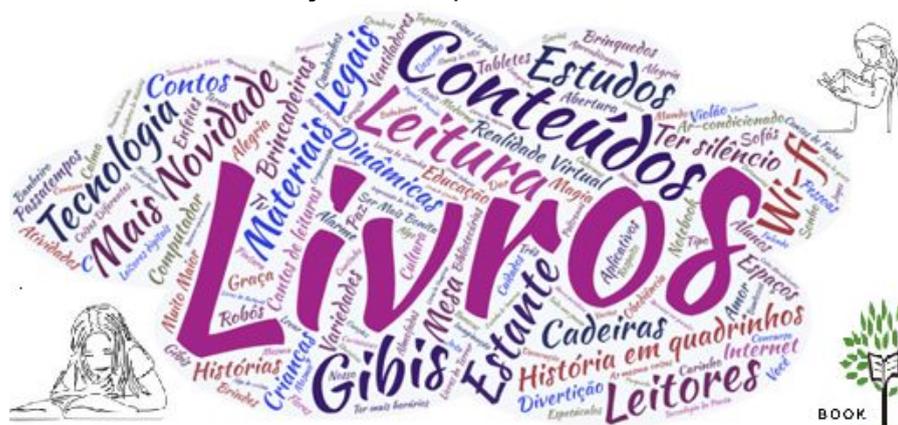
Quadro 2 - Percepções a respeito da biblioteca e do profissional no futuro

IDEIAS	POSITIVAS	NEUTRA	NEGATIVAS
Bibliotecários & A Nova Biblioteca (Vindouro)	<p>Ambos situam e trazem mais acesso à informação em virtude da tecnologia</p> <p>Há em ambas esferas uma preocupação com o ensino e a leitura</p> <p>Muito bacana e lúdica é a situação e relação que caracterizam ambas em termos e aplicações dar e ter um situar em rumo a qualidade</p>	O contexto social não enfoca mundança alguma, as coisas e pessoas são como devem ser	<p>A biblioteca não tem que se transformar em coisa muito diferente do que é</p> <p>Haverá momento que ambos serão menos presente para realidade, uma vez que falta silêncio no espaço preocupação para se pensar novos contextos</p>

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).

As ideias coletadas (Quadro 2) captam a representação social ou a atribuição social de sentido das percepções a respeito da biblioteca e do profissional no futuro. Os depoimentos assumem no dia a dia as relações, conhecimentos, experiências e interações, formam o que sustenta as interações dos alunos *Alphas*. Em geral, há nas respostas algumas preocupações com a estrutura, nesse contexto o discente apontou “gosto de ler livros impressos, e eu acho uma biblioteca sem muitas tecnologias é um lugar bom, e prefiro assim pois se fosse mais tecnológica seria um laboratório de informática e não uma biblioteca” – (@aluno xis). Evidencia-se igualmente uma inquietação manifesta: “claro que os livros impressos têm que continuar a existir no presente e no futuro” – (@aluno xis).

Figura 3 - Word cloud da alocação dos *Alphas* sobre a biblioteca do futuro



Fonte: Elaboração pelos autores (2020).



A partir da observação da nuvem de palavras foi possível perceber que os termos "livros", "leitura", "conteúdos", "estudos", "mais novidade", "estantes" e "gibis", bem como o nome de redes sociais como "materiais legais", "tecnologias", "wi-fi", emergiram em destaque, o que leva à conclusão de que os aspectos tangíveis na teia se configuram construtos relevantes no cotidiano dos *Alphas*. Ressalta-se que essa nova geração está pondo em prática toda a inovação e independência e recebem esse *feedback* com relevância para suas ações com conteúdo do futuro extramente interessante.

Assim, ao experimentar uma fase de descobertas, os usuários usam com frequência a *web* para encontrar respostas aos assuntos que lhes interessam e para fins estudantis. No que diz respeito ao contexto familiar, observou-se que não existe uma influência da mesma nos seus posicionamentos questionados.

Cabe mencionar, entretanto, que as impressões negativas em relação à ambiência da biblioteca, mesmo não correspondendo de todo aos achados da pesquisa, constituem um reforçador do estereótipo educação – um futuro de estudos, tecnologia, novidades, conteúdos, dinâmicas, realidade virtual, diversão e atividades. A ambiência da biblioteca do futuro é capaz de interferir tanto no comportamento dessa nova geração, quanto nos posicionamentos da sociedade em relação a ela, e há uma similaridade com a estrutura presente.

5 (IN)CONCLUSÕES

Essa pesquisa traz conceitos provocadores sobre o desenvolvimento de investigações no corpus da Ciência da Informação na contemporaneidade, e assim aponta que novas pesquisas se fazem necessário situar a ambiência e as características dos novos nativos digitais, bem como as implicações de se modificar o modelo de biblioteca do presente e observar a atuante missão profissional do bibliotecário escolar.

A entrevista com os alunos da biblioteca Dr Tuffy Nader revelou como o futuro da biblioteca pesquisada é percebido pelos *Alphas*. Observa-se, com esse painel, o modo pelo qual se descreve o Ser bibliotecário, considerado como um agente lúdico,



de extrema relevância no ensino aprendizagem escolar. Adaptar competências é uma das atitudes dessa nova geração – portanto, a ‘infoera’ ajusta condições para o engajar das transformações lúdicas e protagonistas desses alunos nascidos na era digital.

Os resultados evidenciam que, nem sempre, os estereótipos existentes no meio social correspondem à realidade, com isso, os conteúdos recolhidos nos depoimentos, permitem identificar que o Ser bibliotecário (no presente) atuando na Umef Dr Tuffy Nader é um agente útil a busca, uso e compartilhamento de informações, segundo os *Alphas* entrevistados. Os respondentes situam na entrevista que os livros são a representação mais presente de seu cotidiano e, isso pauta o olhar do bibliotecário escolar e o compartilhar de ideais acerca da ‘biblioteca do futuro’.

Além disso, a nova realidade torna o “estar *on-line*” quase uma imposição, principalmente por parte dos colegas, uma vez que desconectado, o *Alpha* fica alheio às informações tecnológicas. Finalmente, vale destacar que a tecnologia não configura uma ameaça para a biblioteca como reporta cinco dos entrevistados dessa pesquisa. Assim, apontam Miguel e Carvalho (2019), que o sucesso de uma biblioteca não está somente na instalação da mesma, todavia se torna empoderada diante da nobre missão do MPI que mobiliza todo o âmbito escolar.

Ademais, se verifica que a *web* impacta, fortemente, nos hábitos dos *Alphas*, oferecendo-lhes possibilidades infinitas de acesso a conteúdos, além de perspectivas de interação e a ampliação do exercício da criatividade (GOULART; KAFURE, 2019). Também se constata pelos depoimentos que, entre os *Alphas*, as relações interpessoais – extrapolam o contato presencial – submergem o universo de inteligências múltiplas.

O sentimento expresso em geral nas respostas é de atual satisfação, ao ponto de considerar o livro como símbolo maior desse processo e afirmarem que não existe a prática de leitura onde não haja o empréstimo de livros. É possível verificar nas respostas dos entrevistados que a tecnologia é – um fator importante para os alunos, mas o ‘livro impresso’ sinaliza o item mais expressivo a representar o presente do bibliotecário ou a biblioteca do futuro.



Assim o diagnóstico não aponta ‘certezas’ para o futuro, mas se desenvolve pautando o resgatar e analisar a representação do imaginário coletivo da Geração *Alphas* para a imagem do bibliotecário do presente e a biblioteca do que teremos no futuro, onde esses alunos nascidos em tecnologias digitais, ainda preferem uma biblioteca sem tantas tecnologias e com livros impressos e um bibliotecário dinâmico e atuante. Esses alunos que devido terem nascidos num mundo imerso em TCIs, estabelecem um processo de aprendizagem com diferentes interfaces tecnológicas digitais, que possibilitam também, que a biblioteca venha refletir essas potencialidades, e assim, o *Alpha* e o *Ômega* que tangem o transformar social são pauta que move a Ciência da Informação e sua interdisciplinaridade.

Portanto, percebemos que, mesmo com o avanço das tecnologias, o bibliotecário é, sim, importante na aquisição do conhecimento, informação, mediação e satisfação das necessidades informacionais dos seus interagentes, buscando assim agir de forma profissional, com competência, criatividade, capacidade e confiabilidade para atender as expectativas dos seus usuários, enquanto profissional da informação.

Abstract: Finding out the representation of the librarian of the present and the library of the future before the Alpha Generation is a provocative challenge, it involves exploring nuances and understanding their local determinants. The objective of this study is to situate the image of the present librarian and the representation of the school library of the future, both profiles communicated from the perspective of the new digital natives. The analysis method starts from the semi-structured interview with *Alphas* students from Umef Dr Tuffy Nader, in the city of Vila Velha, ES. The diagnostic script serves as an instrument for analyzing the Collective Subject Discourse (CSD) and aims to guide constructs such as: i) the meaning, representation that defines the librarian Being; and, ii) prospecting scenarios for the new school library of the future. Therefore, the approach is descriptive and analytical, based on discourse analysis with technological support from the DSCSoft software. The results show new times and habits for the school library and the information professional; it addresses the dilemmas of utopias, dystopia and retrotopy that digital



culture and information technologies generate. The work highlights the permanent need for innovation by modern information professionals (MPI) in the library environment and outside; and says that the professional mission is based on scientific and technological knowledge, aligned with human values, for the full exercise of citizenship, with ethics.

Keywords: *Alpha*. School library. Professional information. Speech of the collective subject.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. Á. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 22, n. 1, 25 maio 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/9896/>. Acesso em: 19 maio 2019.

ARAÚJO, C. A. Á. O que são 'práticas informacionais'? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v.2, p.218-236, out. 2017. Número especial. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/41147>. Acesso em: 21 nov. 2019.

BARDIN, L. **L'analyse de contenu**. Paris: Universitaires de Grance, 2001.

BARROSO, M. A. Interdependência ou morte da biblioteconomia brasileira. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 2, 1973. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/119238>. Acesso em: 11 jul. 2020.

BAUMAN, Z. **Retrotopia**. São Paulo: Zahar, 2017.

BERNARDES, A. S. Do texto pelas mãos do escritor ao texto nas mãos do leitor: pensando a leitura e a escrita na biblioteca. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 77-88, abr. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000100008>. Acesso em: 17 fev. 2020.

BHATTACHERJEE, A. **Social science research: principles, methods, and practices**. USF Tampa Bay Open Access Textbooks Collection. Book 3. 2012.

CUNHA, M. B. Metodologia para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 10, n. 2, p. 5-19, dez. 1982. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/30334>. Acesso em: 10 jan. 2020.



FARIAS, C. M.; VITORINO, E. V. Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar. **Perspectivas em ciências da informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 2-16, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362009000200002>. Acesso em: 27-jun.-2020.

FERRAREZI, L.; ROMÃO, L. M. S. Sentidos de biblioteca escolar no discurso da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 18, n. 3, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/93062>. Acesso em: 17 jul. 2020.

FIGUEIREDO, M. Z. A.; CHIARI, B. M.; GOULART, B. N. G. Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualiquantitativa. **Distúrbio Comunicação**, v. 25, n. 1, p. 129-136, 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/14931/11139>. Acesso em 20 de fev. 2016.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, ago. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>. Acesso em: 11 set. 2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2012.

GOULART, A. H.; KAFURE, I. Práticas Informacionais de Adolescentes na Internet. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 12, n. 3, p. 787-806, 13 set. 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231176787.pdf>. Acesso em 22 fev. 2020.

LEFEVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Depoimentos e discursos**: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

MEAD, M. **L'adolescente in una società primitiva**. Firenze: Ed. Universitaria, 1968.

MEDEIROS, M. C. S.; BARBOSA, M. P. Percepção de risco dos atores sociais em áreas metropolitanas: estudo de caso. **Espacios**, Panamá, v. 37, n. 23, 2016. Disponível em: www.revistaespacios.com/a16v37n23/16372305.html. Acesso em: 11 mar. 2019.

MIGUEL, M. C.; CARVALHO, S. M. S. Futurar e vivenciar a biblioteca escolar: um comunicado dos nativos digitais para a biblioteca pensar na sua 'tecnoinovação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: Federação Brasileira das Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições:



Repositório – FEBAB: CBB2019, 2019. p. 1-13. Disponível em:
<http://repositorio.febab.org.br/items/show/3200>. Acesso em: 04 maio 2020.

MORAES, V.; POWELL, B. Samba da Benção. *In: Vinicius de Moraes e Odete Lara*; faixa 11. Grav. Elenco, 1963. Disponível em:
http://www.viniciusdemoraes.com.br/discografia/sec_discogra_discos.php?id=2.
Acesso em: 11 mar. 2019.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

NOLETO, Cairo. **Mapa Conceitual**: o que é e como fazer? O passo a passo! Ago. 2020. Blog TRYBE. Disponível em: <http://www.blog.vetrybe.com>. Acesso em: 10 nov. 2020.

OLIVEIRA, G. S. **Geração alpha entre a realidade e o virtual**: Sujeitos Digitais. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em:
<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/5811>. Acesso em: 16 maio 2020.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto alegre: Artmed, 2011.

RAMOS, Patricia Edi. **Vivendo uma nova era**: a tecnologia e o homem, ambos integrantes de uma sociedade que progride rumo ao desenvolvimento. Mato Grosso do Sul, 2009. Disponível em:
<http://www2.seduc.mt.gov.br/-/vivendo-uma-nova-era-a-tecnologia-e-o-homem-ambos-integrantes-de-uma-sociedade-que-progride-rumo-ao-desenvolvimen-1>. Acesso em: 09 nov. 2020.

RESENDE, Érica dos Santos. **Representações sociais de bibliotecário**: onde o antigo e o novo se confrontam. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em:
<http://www.hdl.handle.net/11422/145>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ROCHA, L. F. Teoria das representações sociais: a ruptura de paradigmas das correntes clássicas das teorias psicológicas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 46-65, Mar. 2014. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100005>. Acesso em: 14 dez. 2019.

SANTOS, J. P. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. **Informação & Informação**, v. 1, n. 1, p. 5-13, 1996. Disponível em: 10.5433/1981-8920.1996v1n1p5 Acesso em: 16 jul. 2020.

VALENTIM, M. L. P. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional 10.5007/1518-2924.2000v5n9p16. **Encontros Bibli**, v. 5, n. 9, p. 16-28,



2000. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/34299>. Acesso em: 18 abr. 2020.

VIEIRA, Luiz Antonio. **Infoera**. Bahia, set. 2009. Disponível em: Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em: 18 abr. 2020.

WACHELKE, J. R. Índice de centralidade de representações sociais a partir de evocações (INCEV): exemplo de aplicação no estudo da representação social sobre envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre , v. 22, n. 1, p. 102-110, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100014>.. Acesso em: 19 jun. 2019.